



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

A ESSÊNCIA DA AÇÃO

Thales Augusto - graduando em psicologia
Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Introdução

Shinmen Musashi Fujiwara no Genshin é o autor da obra *Gorin No Sho*, O livro dos cinco elementos. Uma obra que trata sobre a arte da vitória, seja em qual campo for ou contra qualquer inimigo. A mesma é frequentemente utilizada nas áreas de gestão e estratégia empresarial. No entanto, o presente artigo visa identificar o pensamento psicológico contido na obra citada.

Com esse objetivo em mente, foi realizada uma leitura dinâmica: analisou-se cuidadosamente cada sentença do livro, resumindo-as em ideias centrais e procurou-se encontrar paralelos nos conceitos e autores já existentes da academia. Além disso, as próprias ideias de Musashi são levadas em consideração. Afinal, o objetivo do livro é ensinar a obter a vitória em qualquer âmbito, o que pode ser traduzido como a busca pelo êxito em uma tarefa.

Dessa maneira, uma procura das ideias vigentes no Japão dos séculos XVI e XVII, período em que viveu Musashi, foi necessária. O intuito é associá-las à ideias do ramo da psicologia já existentes, desde sua gênese até às pesquisas mais recentes. Acima de tudo, procurou-se embasamentos científicos e legítimos para a real efetividade dos ensinamentos de Musashi ou não.

Metodologia

Este trabalho se originou em 2019 como exigência curricular de primeiro semestre do bacharelado em psicologia, pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Na disciplina de Metodologia Científica, esperava-se que os alunos conseguissem aplicar os conceitos básicos das produções científico-acadêmicas. Por se tratar de temática livre, o presente autor optou por escolher o livro de Musashi por se tratar de uma obra de interesse



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

pessoal e de baixo volume de palavras.

De modo que a metodologia empregada foi realizar uma leitura atenta, anotando cada ideia central que surgia da obra. Ao concluir esta etapa, foi realizada extensa pesquisa bibliográfica em artigos científicos que possuíssem as mesmas ideias ou ideias análogas ao que foi levantado na etapa de leitura e captação de ideias. Ao se encontrar bases semelhantes, foi feita uma leitura direta aos pensadores dessas ideias, com o intuito de comparar os escritores científico-acadêmicos à produção de Musashi.

Por fim, a escrita do artigo acompanhou a metodologia. Primeiro é apresentado as ideias centrais da obra, na seção “1 - A Obra de Musashi”. Em seguida, foi relacionado as ideias entre Musashi e os acadêmicos na seção “2 - Pensamento Psicológico”. Ao se realizar este processo, percebeu-se que aprofundamentos maiores entre esses dois lados precisavam ser feitos, o que é apresentado na seção “3 - Pragmatismo”. De modo que no aprofundamento foi encontrado um forte ponto de coesão, que foi analisado em uma seção própria descrita em “4 - Não-ação”. As ideias são retomadas, junto com as impressões finais, em “5 Considerações finais”.

1. A Obra de Musashi

Seguindo os métodos propostos, observa-se no primeiro capítulo do livro o elemento Terra. Ao longo de sua obra, Musashi passa os seus ensinamentos em forma de paralelos, sempre chamando a atenção ao sentido das colocações e não com os significados estritos do que se escreve. Para tanto, o mesmo se vale de sua escola de artes marciais, *Nitô-Ichi-ryû*, mencionando golpes, posturas, treinamentos e entre outros.

Nesta lógica, em suas primeiras linhas afirma quem é, o porquê da escrita da obra, em nome de quem escreve e o local de onde escreve. De modo que, e ao longo da leitura desse capítulo, pode-se inferir que a lógica da Terra é a consciência e construção da base.

“Ao escrever esta obra, procurei dividi-la em cinco capítulos, correspondentes a Terra, Água, Fogo, Vento e Vácuo, a fim de expor as peculiaridades de cada um, bem como as suas vantagens.

No capítulo da Terra, expus em linhas gerais os mandamentos da arte militar e a razão de ser da minha Escola *Ichi*. É muito difícil alcançar os verdadeiros mandamentos apenas através da arte da esgrima, o *kenjutsu*. É preciso conhecer desde o conjunto até



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

os detalhes mais sutis, partindo do superficial para o profundo, procurando atingir o imo das coisas. Como se estivesse consolidando as bases estruturais de uma estrada reta, dei ao primeiro capítulo o nome de Terra - o começo da obra.” (Musashi, 2015, p. 51).

Seguindo em frente, já no capítulo da Água, o autor mantém o seu paralelo e a frequente chamada à ponderação do que está sendo ensinado. Podemos notar que o estado de pensamento deste elemento é a serenidade. Sendo a ideia central do capítulo, partindo desse estado, aproveitar as situações presentes e absorver o conteúdo das coisas ao redor do sujeito da ação.

Mantendo-se o espírito sempre atento e decidido, mas sem precipitação, é possível absorver as virtudes desses mandamentos e, por meio do treinamento disciplinado, enfrentar em duelo qualquer adversário que aparecer pela frente, aprendendo a conhecer, assim, os modos de pensar deles. Dentro desse espírito, passo a passo se percorrem as mais longas distâncias.

É preciso ponderar com calma e tomar como missão de samurai a prática desse método.” (Musashi, 2015, p. 91 e 92).

Finalizado esta etapa, chegamos ao terceiro capítulo e elemento, o Fogo. Fica claro do início ao fim, a postura de iniciativa e ímpeto, trazidas pelos ensinamentos de Musashi: “Dependendo da maneira como se toma a iniciativa, ela virtualmente pode assegurar a vitória. Essa é a razão pela qual a iniciativa é a prioridade número 1 na arte militar” (MUSASHI, 2015). Além disto, neste capítulo podemos encontrar conceitos como pontos fortes e fracos, o ponto crítico e a força de influenciar oponentes.

Seguindo desse capítulo para o próximo, temos o elemento do Vento. Aqui o autor continua com a utilização dos seus paralelos, agora citando as ações e posturas das outras escolas de artes marciais. O principal a levantar, é que o foco de Musashi é sempre na vitória. Portanto, quaisquer ações e utilizações que não visem a mesma, são dispensáveis.

“Ao se bater em duelo por motivo de vingança, ninguém luta cogitando se vai cortar o inimigo de modo violento ou suave - o importante é matar o inimigo.

Quando se busca abater o inimigo com golpes de espada, não se deve pensar em fazê-lo com espírito forte ou, muito menos, fraco. O importante é acabar com ele, cortando-o e matando-o.” (Musashi, 2015, p. 128).



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

Depois de tudo isso, Musashi finaliza, com poucas palavras, o elemento Vácuo. Nesta passagem final, ele afirma que as partes compreendem um todo, de forma imediata e sem intermediações (MUSASHI, 2015). Para tanto, deve-se dedicar com aumento das percepções e uso da própria volição.

Feito o levantamento geral e o resumo, iniciou-se a busca do pensamento psicológico na obra de Musashi. Levando em consideração o objetivo do livro que é vencer, não importa em qual âmbito seja, o olhar se voltou para os próprios ensinamentos do autor, à iniciar pelo capítulo da Terra. Visto que neste elemento procura-se conhecer as bases, tal movimento foi executado à respeito de Musashi

“[...] nasceu no ano de 1584, na então província de Harima, atual *Hyôgo-ken* (província de Hyôgo) [...] criador da escola Nitô - *Nitô-ryû*, ou *Nitô-Ichi-ryû*, que quer dizer Escola de Duas Espadas [...] até os 29 e 39 anos, buscando aperfeiçoar sua arte, levou vida aventureira de *rônin* - samurai sem suserano [...] começa a frequentar o mosteiro Ungen, da seita Soto, ligada à corrente zen-budista. [...] De acordo com seu pensamento de que o verdadeiro samurai deve conhecer e praticar outras artes, além da militar, passa a aperfeiçoar-se em caligrafia - *shodô*.” (Musashi, 2015, p. 25-28)

É a partir deste último conceito, o *shodô*, que Musashi coloca, ainda no capítulo da Terra, a necessidade de se seguir dois caminhos. Estes seriam o caminho das armas e o caminho das letras, para se tornar um samurai completo. Afirma ainda que mesmo sem conseguir sucesso nesses caminhos, o samurai deve se empenhar nas leis dos guerreiros. É onde pode-se encontrar a primeira camada das bases de ideais de Musashi: o *bushidô*, caminho do guerreiro. O autor Inazo Nitobe, define *bushidô* como a fonte das virtudes mais admiradas pelo povo japonês: retidão, coragem, benevolência, polidez, sinceridade, honra, lealdade e autocontrole (NITOBE, 2005).

Além de aprofundar em cada uma dessas virtudes, Nitobe aponta para a trajetória histórica do Japão e o *bushidô*, e trata das fontes deste próprio conceito: zen-budismo, xintoísmo e confucionismo. O primeiro como principal pilar, o segundo como complemento ideológico e o terceiro como norte político. Apresentando uma estreita ligação da história e cultura desse país com o surgimento e ascensão dos samurais e seu código. Portanto, pode-se chegar até às



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

bases do pensamento de Musashi, ou ainda mais longe: à essência. Palavra esta que também é amplamente enfatizada pelo autor. De forma tal, que há ainda no xintoísmo uma camada mais grossa.

“O xintoísmo sempre desfrutou no Japão de uma posição ambígua. A rigor, o próprio termo não existia, sendo cunhado tardiamente para dar conta da pré-história japonesa [...] O nome foi dado ao agregado de cultos mágico-religiosos partilhado pelas comunidades tribais que habitavam o Japão. Na verdade, durante um longo lapso de tempo o xintoísmo é uma prática religiosa secundária. Na época aristocrática (séculos VI ao XII) o budismo, trazido da China juntamente com a escrita, torna-se definitivamente a religião da corte. No período Kamakura (século XII ao XIV), ele ganha em legitimidade ao se expandir, sob formas diversas, entre os samurais (zenbudismo), e as classes populares (como religião de salvação).” (Ortiz, 1997, p.81).

Portanto, passando dessa camada mais ampla das bases do pensamento de Musashi, pode-se observar um movimento de ideias oriundas da antiga China. Em primeira instância, observa-se o budismo, que antes de entrar no território chinês teve sua origem na Índia. O mesmo pode ser entendido, reforçado na obra de Nitobe, a partir da representação do “esforço humano para alcançar, pela meditação, zonas que vão além do alcance verbal das expressões” (HEARN, 1914). Já o taoísmo e o confucionismo nasceram na cultura chinesa. Os quais Cordeiro define o primeiro como uma doutrina mística e filosófica e o segundo como um conjunto de regras e rituais sociais (CORDEIRO, 2009).

Com essa porção esclarecida, fica um elemento à parte: o taoísmo. No entanto, quando o budismo sai da Índia para a China e logo depois segue para o Japão, para se tornar o zenbudismo, verificamos com ele os conceitos contidos no taoísmo. A junção desses dois, incluindo sua importância para o ocidente nos tempos modernos, foi objeto de pesquisa do psicanalista alemão Erich Fromm, a partir das ideias do pensador Suzuki.

“O taoísmo e o budismo, teriam uma relação e um realismo superior aos das religiões ocidentais. Permitem enxergar o homem em forma realista e objetiva, sem ter nada que os guie salvo os “iluminados” e sendo capazes de serem guiados pois cada homem tem dentro de si mesmo a capacidade de despertar e ser iluminado. Esta é precisamente a razão pela qual o pensamento religioso oriental, o taoísmo e o budismo - e sua mistura em zenbudismo - terem tanta importância para o Ocidente atual.” (Suzuki e Fromm, 1998, p.52)



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

Por tanto, fica evidente a estrutura básica do pensamento de Musashi, apontada anteriormente: o *bushidō* como código de conduta; o taoísmo e o budismo como pilar central ideológico, retratado na conjunção do zen-budismo; o xintoísmo como sistema de crenças secundário, servindo como suporte para a ideologia central e o confucionismo como modelo e norte de relações políticas e sociais. “Consolidando as bases estruturais de uma estrada reta” (MUSASHI, 2015), pode-se prosseguir com as relações desses conceitos aos pensamentos psicológicos.

2. Pensamento Psicológico

Partindo do pilar central das ideias encontradas em *Gorin No Sho*, pode-se encontrar uma grande semelhança entre o zen-budismo e a psicologia. Esta ganhou espaço no universo científico a partir da crise do sofrimento privatizado (FIGUEIREDO, 1991), quando os questionamentos das pessoas voltam para si mesma, com questões éticas, dos sentimentos, do *eu*, entre outras. O que levou muitos estudiosos do ramo da psicologia à encontrar respostas nas ideologias orientais.

Essa busca, segundo Fromm, acontece pois o zen-budismo auxilia na busca de resposta “que é essencialmente a mesma que a dada pela tradição judaico-cristã e, entretanto, que não contradiz a racionalidade, o realismo e a independência que são as realizações inestimáveis do homem moderno” (SUZUKI e FROMM, 1998). No entanto, Musashi não chegou a ser objeto, ao menos não direto, das pesquisas com os objetivos citados.

Este motivo se dá pela escrita de ações práticas de Musashi por meio de sua escola *Ichi*, diferenciando-se muito das vastas obras que associam de forma mais direta ao zen-budismo. O que o concedeu espaço mais no ramo das questões de planejamento e estratégia empresariais. Em outras palavras, o mesmo vale-se de sua escola como meio de transmissão dos próprios conhecimentos práticos que o *bushidō* e o zen-budismo oferecem.



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

“Enquanto ignorar a essência dos verdadeiros mandamentos e não se apoiar nas leis do budismo [...] está se desviando da essência dos verdadeiros mandamentos por causa da preferência pessoal, ou parcialidade, e da distorção da visão. Conheça o espírito dos verdadeiros mandamentos, tenha a justiça como fundamento, o verdadeiro espírito como mandamento, para praticar amplamente a arte militar, com justiça, limpidez e grandeza, considerando o vácuo como os mandamentos e os mandamentos como o vácuo.” (Musashi, 2015, p.146).

No traço desse conceito de partir do vácuo e atingir a iluminação budista, o *jikidô*, que encontramos a figura de Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço. O mesmo pode elaborar ideias com grandes nomes da psicologia, como o ícone da psicanálise, Freud. Porém, Jung expandiu as suas ideias para outros conceitos e, procurando uma identidade própria, acabou por entrar em contato com o pensamento oriental, mais precisamente com o taoísmo e a cultura da Índia. Fato que ele mesmo relatou em sua obra *Tipos Psicológicos* (JUNG, 2013).

Foi a partir daí, que as correlações da psique interna com o mundo externo levaram Jung a formular as suas principais ideias. Um desses conceitos foi a sua construção do *eu*, a qual teve essa direta influência do taoísmo. O mesmo atribui que o desenvolvimento do *eu* não é um movimento linear, como é posto frequentemente no pensamento ocidental, mas sim em uma circulação em direção ao centro (JUNG, 2016).

Este movimento de desenvolvimento da personalidade, do *eu*, ou até mesmo do espírito, como colocaria Musashi, é algo presente do início ao fim da obra *Gorin No Sho*. Musashi frequentemente, e principalmente no capítulo da água, se refere à apreensão dos conceitos e evolução na arte marcial por meio da prática, do estado de pensamento calmo e absorvendo sempre pelo espírito.

“Pessoas de corpo pequeno devem saber tudo sobre o que há de grande no espírito e pessoas de corpo grande devem conhecer bem as pequenas coisas do espírito. Tanto aquele de corpo grande como o de corpo pequeno devem ter o espírito reto, mantê-lo imparcial em relação a si próprio. É necessário conservar o espírito imaculado e aberto; e a sabedoria, dentro de amplos horizontes. E é essencial polir tanto a sabedoria como o espírito.” (Musashi, 2015, p.69).

Seguindo essa ideia de desenvolvimento circular, podemos identificar a relação de



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

Jung sobre a psique interna ao mundo externo e a visão de Musashi, do espírito ao entorno. No entanto, há de salientar a principal diferença. O primeiro procurou arquitetar conceitos científicos, encaixando-se em uma situação de paradoxo científico do *eu* no campo da psicologia (FIGUEIREDO, 1991): o subjetivo que estuda a natureza do subjetivo. Já Musashi, resume a sua experiência como *rônin* e adepto da seita Soto, visando ensinar o uso do espírito nas ações práticas do dia a dia.

Associado à isto, Jung procura aplicar os seus conceitos em terapias analíticas, colocando o terapeuta como observador imparcial e sem senso crítico. O objetivo seria identificar nos pacientes estruturas semelhantes às pré-colocadas nos conceitos arquitetados, para que então fosse oferecido meios para que o sujeito em questão pudesse ter uma vida de algum modo mais agradável.

O que permite ser notado a diferença nos ensinamentos de Musashi. Mesmo ambos partindo em grande medida do mesmo pilar, o taoísmo, Miyamoto prevê a necessidade de cada indivíduo ser agente ativo de todas as situações de sua vida. Que cada um tenha a visão imparcial sobre si mesmo em cada aspecto, mantendo o pensamento único de vencer e a tranquilidade para absorver os conhecimentos de dentro de si e do seu entorno. Sem necessitar nem de terceiros, nem das ações de terceiros para tal.

Essa diferença de abordagens, é apontada de maneira mais ampla por Fromm. Ele coloca que as semelhanças das abordagens psicológicas/científicas com os pensamentos religiosos orientais termina quase que não intenção de ambos procurarem o entendimento e evolução da natureza dos aspectos humanos. Fromm também extrapola essa análise para uma comparação dos pensamentos de Freud, apontando a trajetória deste nos campos da ideologia oriental.

“Também em outro aspecto, o método de Freud tem uma estreita relação com o pensamento oriental e em especial com o zen-budismo. Freud não compartilhava da alta valorização do nosso sistema de pensamento consciente, tão característico do homem ocidental moderno. Pelo contrário, acreditava que nosso pensamento consciente era apenas uma pequena parte de todo o processo psíquico que se produz em nós e, portanto, uma parte insignificante em comparação com a tremenda força



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

dessas fontes dentro de nós mesmos, obscuras, e irracionais e, ao mesmo tempo, inconscientes.” (Suzuki e Fromm, 1998, p. 54).

Tal ponto, retoma a ideia central de Fromm à respeito de vários psicólogos procurarem bases nos pensamentos ocidentais. É por tanto aqui que pode-se notar o ponto de inflexão do pensamento psicológico em Musashi. Pois do mesmo pilar que centraliza a ideia por de trás de *Gorin No Sho*, que muitos pensamentos e teorias foram extraídas e elaborados para a psicologia. Ficando uma pergunta, portanto: se alguns pensamentos foram extraídos do *core* das ideias de Musashi, não de sua obra especificamente, e incorporados à psicologia, como pode os ensinamentos práticos de Musashi agregarem valor à tais ideias?

3. Pragmatismo

Para conseguir responder à pergunta gerada na porção anterior, é quase que necessário retomar ao paradoxo científico já mencionado. Pois para Musashi, o sujeito em análise é o seu próprio agente do desenvolvimento. Miyamoto evidentemente o faz sem se importar com aspectos científicos. Porém tal movimento sai dessa metodologia científica que prevê um afastamento do pesquisador/observador do seu próprio objeto de observação/pesquisa.

Sendo assim, há um paradoxo embutido no próprio movimento dos psicólogos ao importarem ideias do zen-budismo, mais precisamente do próprio taoísmo. Fato que se deve ao conceito principal desta vertente, o *tao*. Pois assim como é escrito no principal livro do taoísmo, o Tao Te Ching: “O caminho [tao] que pode ser expresso não é o Caminho [Tao] constante” (TZE, 2002). Levando à necessidade de viver o *tao* para entendê-lo e não ensinar ou ser ensinado em relação ao mesmo.

Para entender melhor este conceito, Cordeiro coloca que o *tao* pode ser traduzido diretamente como “caminho”, mas o pode ser entendido de três maneiras diferentes dentro do próprio taoísmo: transcendência, imanência e o caminho do ser humano (CORDEIRO, 2009). Sendo esta última ligada muito mais à conceitos estritamente religiosos, com rituais, normas e figuras religiosas, o foco irá permanecer na parte mais prática e de certo modo individual do



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

tao.

Foco este que é proposital, visto que as ideias de Musashi são colocadas todas de modo prático. No entanto, as questões relativas à “imanência” em *Gorin No Sho*, podem ser apontadas apenas de modo indireto, por se tratar desse preceito uma força motivadora maior. Visto que na obra as forças propulsoras partem “do nada”, do centro, ou do “espírito” do indivíduo (vácuo). Que por sua vez, é associado à “transcendência”, na qual todas as coisas se originam e retornam.

Com isso em mente, fica a dúvida sobre as maneiras que os conceitos sobre o *tao* foram importados pelos psicólogos, mas não precisamente as teorias e práticas psicológicas oriundas dessa movimentação. Pois há a necessidade de que tais pesquisadores vivessem o *tao* para poder compreendê-lo e de modo nenhum “ensinar” às outras pessoas como atingir ou utilizar o *tao*, visto que sua apreensão estaria para algo além do intelecto. Aspectos que fogem completamente do âmbito científico.

No entanto, mergulhar nas obras de cada autor para tentar identificar o pensamento do *tao*, um processo quase que inverso do objetivo deste artigo, iria requerer no mínimo um artigo para cada “mergulho”. Por sorte, o autor e psicoterapeuta Nei de Souza, trás uma junção direta das práticas psicológicas com o taoísmo. Em sua obra *Psicoterapia e Taoísmo*, Souza provê uma breve explicação sobre estes dois universos e percorre por uma abordagem do taoísmo dentro da clínica psicoterapeuta.

Na linha desse objetivo, o autor agrega tanto sua experiência como psicoterapeuta, quanto praticante de artes vinculadas ao taoísmo, como o Tai Chi Chuan. Inicia a intercessão com um exemplo de intervenção no caminho de uma formiga ao carregar uma folha. Colocando o quanto essa ação atrapalha nas tarefas daquela formiga. Transporta isso para o comportamento humano e quão prejudicial pode ser uma intervenção que visa “curar” aspectos psicológicos, deixando um indivíduo sem rumo.

O autor enfatiza que esse raciocínio já é trabalhado dentro da própria psicoterapia, por tanto a postura esperada de um profissional da psicologia não é de uma força contra o paciente para que ele simplesmente “mude de rota”. Para tanto, o autor atribui o movimento de centro e



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

a intenção de alinhamento com os aspectos naturais do todo, ambos provenientes do *tao*. Sendo o psicoterapeuta procurado para encontrar meios para que o paciente possa manter o equilíbrio dos seus esforços mentais.

“O sábio taoísta, ciente desses estados de coisas, aplica sua energia onde é possível obter resultados, seja no governo, nas artes, ou na guerra, mas começa sempre por si e em seguida por aqueles que o procuram.

Aqui, centramos a discussão na questão psicoterapêutica propriamente dita. O psicoterapeuta que segue uma abordagem taoísta permanece então voltado para o próprio centro, na postura que lhe é típica [...] Em síntese, seu estado é de repouso, embora esteja sempre disponível para iniciar o movimento quando for necessário e quando as condições permitirem.” (Souza, 2002, p.131).

Parte desse princípio é claramente identificado na obra de Musashi: a postura de pensamento, ou estado de espírito como este coloca, calmo; o equilíbrio em tudo que há, como na intensidade da aplicação dos golpes; a clareza de pensamento em relação ao objetivo; a ação que surge do nada, quase que como uma resposta instintiva. Ao qual este último aspecto, pode-se atribuir o conceito taoísta de *wu wei*, não-ação em tradução livre. A intenção desse conceito é procurar alinhar a vida cotidiana com o *tao*, o que não é significado como inatividade, mas sim a pura eficácia por reduzir-se os atritos da vida (CORDEIRO, 2009).

O próprio Souza percorre, de forma cambaleante, acerca desse conceito. Pois não consegue aplicar uma ideia de “não-intervenção” no sofrimento humano apresentados em uma clínica psicoterapêutica. Para tanto, de Souza foca a abordagem taoísta na procura do menor esforço e manutenção do equilíbrio. Na qual, e conforme já mencionado, se dá apenas quando a necessidade aparecer para o psicoterapeuta. Esse tipo de postura, no entanto, é condenável para Musashi. Por se colocar em uma posição de passividade, não de iniciativa, e na maioria dos casos, sem movimentações.

“Contudo, nos mandamentos da luta na arte militar, o importante é ter a iniciativa, adiantar-se sempre e em tudo. Assumir a posição de guarda implica esperar que o inimigo tome a iniciativa. [...] deve-se provocar a quebra da guarda do antagonista, agindo de modo imprevisível, ou produzir nele uma ação precipitada [...] É detestável o espírito de se colocar em guarda, de “agir depois”. Por essa razão, na nossa escola, ‘estar em posição de guarda é não estar em posição de guarda’.”

(Musashi, 2015, p.133).



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

Partindo dessas ideias, podemos notar que uma “não-guarda” ou “não-ação”, *wu wei*, está relacionada para Musashi com uma postura ativa, de ímpeto. O que diferencia da postura proposta por Souza, mesmo que a intenção deste fosse manter o equilíbrio das coisas conforme uma visão taoísta. Pode-se inferir a partir daí que *wu wei*, assim como enfatizou Cordeiro, de nada tem haver com inatividade. Colocando o *tao* como um aspecto de um agente ativo, mesmo que para a “não-ação”.

Apesar desse entendimento, as perguntas iniciais não são respondidas. Do contrário, é enfatizado o *tao* como algo necessário de ser vivido, experienciado e de maneira ativa. Colocando sujeitos observadores e pesquisadores, dentro dos próprios objetos de pesquisa, se afastando portanto de uma metodologia científica. E apesar dessa impossibilidade, nada impede do pesquisador/observador aplicar para si o próprio conceito de *wu wei* ou as ideias de Musashi visando a vitória. Com o intuito de se desenvolver, para melhor atuar como pesquisador. Souza, de certa forma também carrega esse olhar.

“O campo psicoterapêutico se vangloria de estar vinculado a dados empíricos. Se não fosse assim, uma clínica não seria possível; entretanto, mas relegar discussões de caráter filosófico a outras áreas reflete uma postura adequada? O taoísmo nos fala, por um lado, de um mundo aparente e, por outro, de essências secretas. Elas são acessíveis meramente pelo empírico? Parece-nos que cada psicoterapeuta tem de se ver com essa questão, sob pena de desenvolver uma prática apurada.” (Souza, 2007, p.192).

Por tanto, qual seria a maneira de se aplicar o *wu wei* para se acessar o *tao* e alcançar as essências propostas por Musashi?

4. Não-ação

Apesar dos ensinamentos do *bushidō* estarem apoiados pelo confucionismo e xintoísmo, mais o estudo dos samurais, incluindo Musashi, terem ligação direta com o zen-budismo, existe o objetivo final: atingir a quintessência; o vácuo; o nada. Um estágio de pura manifestação. Ao qual se atua de maneira tão natural e única, que esquece “que se tem uma espada na mão, e a espada não sente a mão” (MUSASHI, 2015). Por meio de intenso



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

treinamento desses preceitos, se segue à tal estágio.

O *wu wei*, ou não-ação, é um conceito taoísta, conforme já mencionado. Ao qual de nada tem haver com inatividade e que por meio dele se alcança o *tao*. Dessa mesma forma, vários outros conceitos do taoísmo são derivados do *wu wei*, como é possível notar em Tao Te Ching: não-aspiração; não-palavra; não-corpo; não-conhecimento; não-existência; entre outros (TZE, 2002). Todos eles remetem à essa ação “transcendental”, ao qual se atinge o estado de manifestação perfeita.

Porém é um conceito de difícil apreensão, característica dual e paradoxal das próprias ideias do taoísmo. Por isso há um traço fino no seu entendimento, que ao se explicar e não se entender, é possível justificar o não-entendimento por não ter vivenciado o *tao*. Pois os seus próprios conceitos preveem que o *tao* que é explicado, não é o verdadeiro *tao*. Que por sua vez deve ser vivido e experienciado para se obter o seu conhecimento. E a maneira para tal, se passa pelo *wu wei*. Aspectos que reforçam a característica de cíclico da teoria taoísta: a não-compreensão por meio da não-ação.

Analisando essa postura de não-ação, com os métodos para se obter a vitória de Musashi, podemos observar ações que não se importam com os métodos. Não no momento de se realizar a ação em si, o combate no caso. No qual a preocupação do indivíduo, samurai: não deve estar na posição da guarda; não deve estar na posição da espada; não deve estar se pula para um lado ou para o outro; se corta de cima para baixo, ou de uma lateral à outra. O estado de espírito, ou pensamento único que deve-se ter é: matar o inimigo. Todas as ações anteriormente citadas irão naturalmente acontecer, de forma espontânea, e de modo tal a aproveitar as brechas da situação, se adequando à mesma.

Esse retrato provém das experiências em combate de Musashi, o qual ele mesmo aponta que a essência desses ensinamentos podem ser utilizadas em qualquer âmbito para vencer. Pode-se, então, extrair dois pontos: o primeiro é o treinamento constante, que propicia bases para as ações e movimentações, sejam essas musculares ou cognitivas; o segundo seria um pensamento único, ao qual todas as ações do indivíduo iriam seguir naturalmente seu objetivo. Atingindo esse estágio, para Musashi, se chegaria à ação perfeita, quintessencial,



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

relativa ao nada/vácuo.

Seguindo desse primeiro aspecto, o treinamento constante, poderia-se colocá-lo como único aspecto necessário para se atingir a vitória. No entanto, os feitos de Musashi o antecedem. O mesmo, dos 13 aos 30 anos, percorreu o Japão como *rônin* e enfrentou os maiores nomes da arte da guerra de sua época (MUSASHI, 2015). Desse trajeto, sobreviveu para contar a sua história e passar adiante os seus ensinamentos. Colocando maior peso nas suas palavras, às quais ele mesmo enfatiza ser o treinamento constante juntamente com a postura de pensamento único durante o combate, focado na vitória, a chave para se atingir a quintessência.

Associado à isso, e também das palavras de Musashi, o padrão de pensamento atribuído ao combate deve ser o mesmo do dia a dia. Colocando esse aspecto de foco maior, por meio da concentração em um único pensamento, como o caminho para a quintessência. Cabe acrescentar, que a escrita da obra de Musashi se deu já em idade mais avançada e com o seu advento nas ideias Zen. Isso mantém unido as práticas na arte do combate com o pensamento dessa ideologia, sendo transportado na forma das técnicas de sua escola *Ichi*.

“Segundo os mandamentos da arte militar, o estado espiritual de um combatente não deve ser diferente daquele da vida normal. Tanto nas situações mais comuns da vida cotidiana como nos momentos de praticar a arte militar, o seu estado de espírito não deve ser alterado. Mantenha o espírito aberto, reto, sem tensão excessiva nem relaxamento, em perfeito equilíbrio. Aja com tranquilidade, tendo o cuidado de evitar a paralisação, ainda que por um único instante. O espírito deve se manter dinâmico e livre.” (Musashi, 2015, p.68).

De tal maneira, podemos observar alguns estudos no campo da neurociência que se aproximam dessa ideia de um pensamento único, atenção e foco. Os pesquisadores Adriana e Almir, apontam duas diferenças principais para a atenção, no âmbito cerebral. A primeira seria a atenção espontânea, que aguça de maneira momentânea o interesse do indivíduo. Já a segunda, seria a atenção voluntária, a qual o indivíduo dirige as suas capacidades mentais por meio da volição (MEZZASALMA e TAVARES, 2003). Ao levar esses conceitos próximos às palavras de Musashi, de antemão a tenacidade, ou atenção voluntária, é a que mais se associa



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

por se tratar de uma ação ativa do sujeito.

No entanto, ao prosseguir na pesquisa desses dois médicos, encontramos a abordagem de intensidade vinculada à tenacidade. Ao qual, para se obter e principalmente manter uma hipertenacidade, que estaria associada ao foco diuturno posto por Musashi, exigiria um alto esforço psicológico que eventualmente levaria à fadiga. De tal maneira, que se afastaria de um estado de consciência calmo, equilibrado e sempre apto ao combate. Para tanto, os dois médicos colocam que a atenção cansa e que geralmente é notada nos testes ou até mesmo acentuada, apenas quando do seu início das atividades de atenção voluntária.

Esse movimento cerebral referente à atenção, como citado, se distancia dos métodos de Musashi para se atingir à quintessência. Conseqüentemente se afasta do *tao*, mas será que se afasta de *wu wei*? Certamente que sim. Promover uma atenção voluntária e ainda mantê-la, prevê e uma ação do indivíduo e, portanto, de nada tem haver com não-ação. De tal modo, que é possível retornar ao outro conceito apresentado por esses dois médicos: a vigilância, ou atenção espontânea. Neste âmbito, e procurando conhecer ainda mais as bases da atenção humana, pode-se observar as principais áreas responsáveis por esse movimento.

“A atenção resulta da atividade de diferentes regiões do sistema nervoso central, sendo importante a participação de pelo menos três sistemas: o reticular, o cortical e o límbico. O sistema ativador reticular ascendente (SARA) mantém o nível de consciência necessário aos processos de atenção. O controle cortical, principalmente de áreas pré-frontais, é de fundamental importância, já que, através de processos de seleção e concentração, estabelece critérios hierárquicos para a consciência, proporcionando a direção e a escolha do foco de atenção.” (Mezzasalma e Tavares, 2003, p.273).

Por tanto, e seguindo os conceitos de Musashi para a vitória, procurou-se aprofundar na “pavimentação” do conhecimento dessas três áreas. Nesse processo, as pesquisas de mais de 30 anos no campo da neurociência dos doutores Daniel Goleman e Richard Davidson permitem maior aprofundamento no campo da atenção. Na obra desses dois autores, A Ciência da Meditação, os mesmos investigaram os cérebros de centenas de pessoas, incluindo monges iogues com vasta experiência nas práticas da meditação. Os autores vão além dos processos de espontaneidade e vigilância da atenção, além de especificarem o funcionamento



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

dos sistemas responsáveis pelas mesmas.

Trazem essas afirmações, por meio de inúmeros testes que vão desde exames das células sanguíneas à ressonância cerebral e sensores elétricos. O destaque aqui para tais investigações, vai para os relatos dos iogues experientes afirmarem poder entrar em concentração (estado meditativo) sem esforço, “ação sem esforço”, “sem se esforçar”, diziam (GOLEMAN e DAVIDSON, 2017). A partir disso, a equipe dos dois pesquisadores iniciaram as buscas para observarem a veracidade das colocações dos iogues. Identificando que o cérebro, apesar de corresponder à cerca de 2% da massa corpórea, consome 20% da energia do corpo. Isto sendo em repouso, tendo várias áreas ativadas, mas quando, para qualquer indivíduo, mergulhada em uma atividade de alta concentração, menos áreas são ativadas.

“Assim, onde estão todos esses neurônios tagarelando entre si enquanto não fazemos nada em particular? Raichel identificou um punhado de áreas, sobretudo a linha média do córtex pré-frontal e o córtex cingulado posterior, um nódulo que se conecta ao sistema límbico. Ele apelidou esse circuito de “rede de modo default” do cérebro.” (Goleman e Davidson, 2017, p.127).

A ligação dessa porção cerebral, como mencionada acima, exerce ligação direta com o sistema límbico, que por sua vez é um dos principais responsáveis pelos processos de atenção. Para tanto, os testes feitos nos iogues comprovaram a baixa do uso dessa região durante o processo de concentração. Associado à isto, barulhos externos durante as práticas, com o intuito de tirarem a atenção dos iogues, eram colocados nos experimentos. No entanto, a não resposta das amígdalas cerebrais, responsáveis por captação e transmissão desses sinais, não eram significativas. Perante tudo isso, apenas as regiões cerebrais alvos dos testes e práticas permaneciam ativas, apontando para o âmbito de pouco gasto de energia para tal processo.

Além de todas essas evidências, os iogues mais experientes atingiam esse estado em pouquíssimo tempo, sendo que antes mesmo das práticas começarem seu padrão cerebral não era muito distintos. O que retoma às ideias de Musashi, de pensamento reto, igual durante tanto o combate quanto no dia a dia, preceitos necessários para atingir a vitória. Da mesma forma, pode-se observar que os monges iogues não se preocupam em “se”, “como”, “talvez”, “de que



VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária

X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL

Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.

forma”, “de que maneira” e “quando”. Não permanecem em uma constante tagarelice mental e ainda assim, ativavam as regiões cerebrais necessárias para se executar as ações alvo sem esforço, com alta intensidade de ativação, mas baixo consumo energético, por se tratar apenas de poucas áreas, além do o atingirem em pouquíssimo tempo. Seria o *wu wei* atingido o *tao*, pelo menos em um âmbito somático?

Não muito distante dessa pergunta, Goleman e Davidson procuram entender cada vez melhor o cérebro e como “construí-lo” para se atingir uma eficiência semelhante à dos iogues, valendo-se de suas práticas meditativas. O presente artigo, no entanto, demonstra por meio das ideias de Musashi exatamente que esse estado de atenção deve ser levado à todos os momentos da vida. Mas a despeito dessas evidências apontarem para a essência da ação, muitos testes e experimentos ainda são necessários para maior compreensão das ideias milenares do mundo oriental e principalmente a execução do *wu wei*.

Considerações finais

Verificou-se com o percurso do artigo, que tanto as ideias de Musashi, quanto a gênese da psicologia enquanto ciência possuem ao menos um pilar de semelhança: as antigas ideologias orientais. O que, obviamente, não significa dizer que toda a ciência psicologia e todas suas vertentes teóricas segue este pilar, nem que só o seguem. Vale ressaltar que notou-se uma busca de vários psicólogos no entendimento dessas ideias, mas uma possível falta de vivência das mesmas, o que seria necessário principalmente no caso do taoísmo. E seria necessário dizer que para uma vertente que se pretende científica, assim como a psicologia moderna o é, tal ocorrência deve estar necessariamente separada. O que, poderia supor, que Musashi julgaria errado, caso verdadeiramente quisesse levar sua visão à cabo.

Por outro lado, e seguindo o próprio rastro das ideias do *tao*, notou-se que há evidências no campo da neurociência que embasam algumas das ideias vivenciadas por Musashi. A própria questão da economia cerebral, apresentada em Goleman e Davidson (2017), demonstra que há um potência de ação muito maior, precisa e não desgastante, que



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

vão de encontro com os paralelos apresentados em *Gorin No Sho*.

Por fim, no presente ano de 2022, é possível notar, no decorrer da revisão deste trabalho realizado pelo próprio autor, como a psicologia possui uma riqueza, infelizmente, afastada dos próprios campos acadêmicos. Pois tais pilares e resultados científicos não fazem parte das teorias mais populares na psicologia acadêmica brasileira. O que pode ser notado ao acessar acervos de diferentes instituições ao longo da formação psicológica do próprio autor. Igualmente, um trabalho que deu a liberdade para que um estudante explorasse seus pontos de interesse, tende a resgatar materiais científico-acadêmicos e auxiliar na constante oxigenação e vivência dos processos científicos.

Referências

MUSASHI, Shinmen. **O Livro dos Cinco Anéis**. Tradução de José Yamashiro. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

NITOBÉ, Inazo. **Bushido. Alma de Samurai**. São Paulo, SP: Tahyu Editora, 2005.

ORTIZ, Renato. **Alúcio de Azevedo e o Japão: uma apreciação crítica**. Tempo Social: USP, 1997.

HEARN, Lafcadio. **Exotics & Retrospectives**. Boston, MA - EUA: Little Brown & Co, 1914.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. **Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês**. Sacrilégens: UFJF, 2009.

SUZUKI, Daisetsu Teitaro; FROMM, Erich. **Budismo Zen y Psicoanálisis**. Tlalpan, CM - México: Fondo de Cultura Económica Editorial, 1998.

FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. **Psicologia: uma introdução**. São Paulo, SP: Educ Editorial, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes Editorial, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira Editorial, 2016.

TZE, Lao. **Tao Te Ching**. São Paulo, SP: Martins Fontes Editorial, 2002.



**VII Congresso Interdisciplinar de Pesquisa,
Iniciação Científica e Extensão Universitária**

**X Semana de Responsabilidade
Social e Extensão Universitária**

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE:
DESAFIOS GLOBAIS E ECONOMIA LOCAL**

**Dias 19 a 22/09/2022,
Campus Praça da Liberdade,
Belo Horizonte, MG.**

SOUZA, Nei Ricardo de. **Psicoterapia e Taoísmo**. São Paulo-SP: Summus Editorial, 2007.

MEZZASALMA, Adriana; TAVARES, Almir. **A Atenção Como Atividade da Consciência**. Belo Horizonte, MG: Revista Médica de Minas Gerais, 2003; 13(4): 272-5.

GOLEMAN, Daniel; DAVIDSON, Richard. **A Ciência da Meditação: Como Transformar o Cérebro, a Mente e o Corpo**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva Editorial, 2017.